

RECORDAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA DE RESSIGNIFICAÇÃO EM *O SENTIDO DE UM FIM*, DE JULIAN BARNES

REMEMBRANCE, MEMORY AND IDENTITY: A PERSPECTIVE OF RESSIGNIFICATION IN *THE SENSE OF NA ENDING*, BY JULIAN BARNES

147

Adolfo José de Souza Frota

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás - UFG
Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e
Interculturalidade - POSLLI/UEG
adolfofrotaprof@gmail.com

Ivonete Aparecida Braga Moreira

Graduada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera
Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – UEG
Pesquisadora do Programa de Bolsas de Iniciação Científica - PBIC/UEG
ivonetebraga.125@gmail.com

Resumo: Este artigo objetiva analisar o romance *O sentido de um fim*, de Julian Barnes (2012), no intuito de entender como a memória se articula na reconstrução e na ressignificação do passado do protagonista Anthony Webster, que rememora a história de sua juventude, em especial o período em que viveu um triângulo amoroso com Veronica Ford e Adrian Finn, que comete suicídio. Essas memórias ressurgem no momento em que o protagonista recebe uma herança inesperada, e com ela as incertezas de suas lembranças. A metodologia utilizada para discutir o tema da memória para realização deste artigo se qualifica essencialmente como revisão bibliográfica. Utilizamos uma narrativa literária para abordar a memória, que é um fator fundamental para o desenvolvimento da identidade do protagonista, a memória coletiva e o remorso, aspectos visíveis na narrativa de Julian Barnes. Os teóricos que subsidiaram este artigo foram Assmann (2011), Bosi (1994), Candau (2016), Candido (2014), Kancyper (1994), Pollak (1992), dentre outros. Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica e pode contribuir para a compreensão de aspectos que relacionam a literatura com temas existenciais humanos, como é a memória e a identidade.

Palavras-chave: Memória. Julian Barnes. Remorso. Identidade.

Abstract: This article aims to analyze the novel *The sense of an ending* y Julian Barnes (2012) in order to understand how the memory articulates itself in the reconstruction and resignification of the past of the lead character Anthony Webster, who remembers his story when young, particularly a time in which he lived a love triangle with Veronica Ford and Adrian Finn who commits suicide. These memories reappear at the time when the lead character receives an unexpected heritage and with it the uncertainties of his remembrances. The methodology used to discuss the theme of memory for this article is essentially qualified as a bibliographic review. We

Building the way

use a literary narrative to approach memory, which is a fundamental factor for the development of the lead character's identity, collective memory and remorse, visible aspects in Julian Barnes' narrative. The theorists who supported this article were Assmann (2011), Bosi (1994), Candau (2016), Candido (2014), Kancyper (1994), Pollak (1992), among others. This article is the result of a Scientific Initiation research and can contribute to the understanding of aspects that relate literature to human existential themes, such as memory, identity and remorse.

Keywords: Memory. Julian Barnes. Remorse. Identity.

Introdução

A literatura mnemônica, em suas inúmeras formas de se expressar, tem contribuído para a expansão do conhecimento. A literatura, como forma de expressão humana, serve de base para interessantes pesquisas a respeito da memória. A memória e a identidade têm uma relação complementar, pois uma depende da outra para a formação humana. A memória pode influenciar nossas relações. Da mesma forma, uma memória desagradável provoca o remorso, pois o remorso é a memória ruim de alguma experiência causada pela prática de um ato reprovável, ou seja, a lembrança do arrependimento de algo praticado. A memória é a capacidade inata de armazenar e recuperar informações. É uma organização complexa que todo indivíduo é dotado.

Neste artigo, analisa-se o romance *O sentido de um fim*, de Julian Barnes (2012), com o intuito de entender como a memória se articula na reconstrução e na ressignificação do passado do narrador protagonista Anthony Webster (Tony). Além disso, buscam-se pontos de contato entre o romance e os teóricos que subsidiaram este artigo como Aleida Assmann (2011), Antonio Candido (2014), Ecléa Bosi (1994), Joël Candau (2016), Luis Kancyper (1994), dentre outros. Também objetiva-se compreender o que é a memória, sua ligação e importância com a identidade, a falta de memória e a memória indesejada, que tem como consequência o remorso. Esses autores foram referenciados nesse artigo por trazerem aspectos teóricos que elucidam problemas encontrados no romance, problemas estes de natureza afetiva. Discutimos a memória, a identidade e a recordação, a memória da juventude, que se torna fundamental na ressignificação e (re)construção da identidade da personagem, ainda que idoso. Recordações muitas vezes tensas, principalmente por parte da

Building the way

personagem por acreditar que foi o responsável pelo suicídio de um dos seus amigos, causando com isso remorso pelo sentimento de culpa.

O romance se divide em duas partes: a primeira, na década de 60. Anthony Webster, o protagonista, é um adolescente que frequenta a escola e faz parte de um grupo de três amigos. Com a chegada do adolescente Adrian Finn, Webster percebe que o novo amigo se destaca por sua inteligência e pelos seus conhecimentos filosóficos. Com a conclusão do colegial, os amigos separam-se mantendo a amizade através de cartas. Tony começa a namorar Veronica Ford, uma jovem de gosto bem diferente do seu e de uma personalidade forte, mantendo um relacionamento confuso. Depois de algum tempo, o relacionamento chega ao fim, deixando algumas marcas nele. No último ano da faculdade, Tony recebe uma carta de Adrian pedindo permissão para namorar Veronica, o que causa certo desconforto na amizade. Anos mais tarde, Adrian Finn se suicida.

A segunda parte se passa quarenta anos depois, quando o sexagenário Tony já está aposentado e divorciado. Ele também tem uma filha adulta e casada. Certo dia, suas memórias de adolescência ressurgem após ele receber, misteriosamente, dois “documentos” de herança da mãe de Veronica. Posteriormente, Tony descobre que se tratam do diário de Adrian, mas que Veronica havia queimado, e da carta que ele, Tony, escrevera ainda adolescente para Adrian, quando este último pedira permissão para namorar Veronica. Esses acontecimentos acabam causando grande impacto na vida de Tony, principalmente ao descobrir que Adrian teve um filho e o real motivo da sua morte.

A resignificação da identidade pelas memórias

Percebe-se que a memória é utilizada para armazenar as experiências que vivemos ou reconstruir acontecimentos ocorridos há anos. A partir dessa relação, entende-se que a memória é o resultado da armazenagem da experiência que o sujeito estabelece. É preciso ter uma interação com o mundo para que o mediador consiga armazenar e interagir com as experiências, ou seja, um convívio externo para se obter experiências para o armazenamento das representações adquiridas pela capacidade cognitiva.

Building the way

Em *Memória e identidade*, Joël Candau (2016) argumenta que identidade e memória são interligadas e que a memória alimenta a identidade. A partir do momento em que o indivíduo perde sua capacidade cognitiva (memória), perde também sua identidade, a memória que é a responsável pela “ligação” do passado ao presente, pois “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAU, 2016, p. 19). Assim, percebe-se a dificuldade de dissociar uma da outra, ou seja, a busca acompanhada pela memória sempre acaba retornando para a identidade.

Candau também analisa um tipo de memória que se caracteriza por ser uma identidade em ação. São as experiências de acontecimentos traumáticos que queremos esquecer, mas que acabam ficando no profundo da memória, pouco lembrada: “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre lembranças de traumas e tragédia” (CANDAU, 2016, p. 18). Ou seja, a memória de um acontecimento reprovável que se deseja esquecer, algo que ocorreu há anos, mas que ainda causa sofrimento, dor e remorso. Por mais que seja negada, ela sempre vai estar presente.

Percebe-se que a base da memória são as experiências vividas individuais e coletivas. Essas experiências são armazenadas na memória. Às vezes, de tanto nos lembrarmos de uma experiência no passado, ela acaba virando uma lembrança mais presente nas nossas memórias. Todos esses acontecimentos “guardados” na memória contribuem na formação da identidade, pois uma tem relação direta com a outra.

De acordo com Michael Pollak (1992), em *Memória e identidade social*, “a construção da identidade é um fenômeno que produz em referência aos outros em referência aos critérios de aceitabilidade” (POLLAK, 1992, p. 5). Com as experiências sociais, a pessoa começa a armazenar informações na memória e essas informações muitas vezes recuperadas pela recordação contribuem para a formação da identidade do indivíduo. Para Pollak (1992, p. 5), a memória é um elemento de identidade:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do

Building the way

sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Note-se que a identidade se constrói pela relação que temos com os outros, pelas experiências que passam por um processo de (re)construção. Memória e identidade têm um fator fundamental na continuidade de todos os processos, seja ele individual ou coletivo da sociedade. No romance *O sentido de um fim*, quando Tony reencontra Veronica quarenta anos depois, ele começa a entender que nem tudo que aconteceu foi exatamente do jeito que ele se lembrava, e sua memória é a responsável por trazer esses eventos para o presente “mas minha memória tem se tornado cada vez mais um mecanismo que reitera dados aparentemente verdadeiros com pequenas variações (BARNES, 2012, p. 72). Sua memória começa então a passar por um processo de reconstrução para que ele entendesse como tudo realmente havia acontecido.

Ecléa Bosi (1994), ao citar a teoria da memória de Bergson, afirma que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BOSI, 1994, p. 46). Nossas experiências de percepção espacial, de relação social, cultural e afetiva são influenciadas pela memória de nossas experiências do passado, conservadas no cérebro, daí sua importância na (re)construção da identidade. Sendo assim, o nosso presente é basicamente uma junção das lembranças das nossas experiências do passado com o que estamos vivendo no momento, as lembranças sempre irão contribuir na (re)construção da nossa identidade por serem ligadas às experiências do passado:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

Outro fator importante para se destacar é que a memória também pode ser subjetiva, quer dizer, nem sempre as lembranças ocorrem exatamente como foi o evento lembrado. Portanto, é importante entender que nem tudo que lembramos é confiável, pois pode ser uma falsa memória, algo que desejamos tanto que acabamos exprimindo uma lembrança daquilo que não existiu.

Building the way

Aleida Assmann (2011), em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, discute, em um de seus capítulos, a respeito das memórias e seus métodos de armazenamentos das recordações. É importante ressaltar que nossas lembranças passam por um processo de deslocamento reconstrutivo até o momento final de armazenamento, e nesse processo reconstrutivo é comum que algumas lembranças passem por alterações ou até mesmo não sejam armazenadas na memória. Sendo assim, a lembrança pode sofrer alteração por parte daquele que a busca, devido à subjetividade do indivíduo. Isso é possível por não termos controles seguros do lugar de armazenamento das lembranças:

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um lugar repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação (ASSMANN, 2011, p. 33- 34).

Esses aspectos contribuem para entendermos que a recordação possui um ponto inicial que sempre vai partir do presente para o passado, na busca e na recuperação de lembranças, pois, no auge da busca da recordação, a lembrança passa pelo processo da subjetividade, e alguns aspectos podem distorcer essas lembranças, tornando-as menos reais. Esse processo de recordação reconstrutiva sempre vai ter como ponto de partida o presente. Por se tratar de recordações de experiências, não seria possível reconstruir algo que ainda não aconteceu. E a matéria-corpo tem um papel fundamental nesse processo, pois, através das memórias, é possível ligar o corpo presente com o passado.

É importante ressaltar que o sentimento de remorso é abordado na segunda parte do romance, envolvendo o protagonista nas recordações de momentos indesejados. Conforme explica Luis Kancyper (1994, p. 65), “remorso define-se como o pesar interno que produz na alma o ter realizado uma ação má”. O remorso é a relutância daqueles acontecimentos e atitudes do passado. É o resultado das experiências do que não era para ser dito, do que não era pra ser feito, tornando-se uma sensação de fracasso, causando muito sofrimento:

Building the way

O remorso é a inquietude que desperta a memória de uma culpa, crescida clandestinamente na obscuridade. Culpa singular, repetitiva, que se caracteriza por ser sempre pródiga em novas retaliações, revertidas sobre a própria pessoa.

Esta culpa põe em evidência o acionar de um castigador interno, que cumpre suas funções de tortura no próprio sujeito, com eficiência e fidelidade, em forma alternada ou permanente (KANCYPER, 1994, p. 66).

153

Por meio das contribuições de Kancyper sobre o remorso, percebe-se que é um sentimento que o sujeito se encontra em momento de inquietude por perceber ter cometido um erro, por sentir arrependimento de algo que às vezes não tem mais como consertar. E que é necessária uma resignação para superar o remorso, pois “o sujeito com remorso busca o perdão, porém não o consegue, porque remete a uma culpa que, em parte, permanece desconhecida para ele mesmo” (KANCYPER, 1994, p. 66). É preciso entender o que está causando o remorso, depois, aceitá-lo e, por fim, buscar superá-lo.

A memória na formação da personagem Anthony Webster

Anthony Webster é uma personagem ficcional que representa um tipo humano ligado às suas memórias do passado e ao remorso. Como um ser complexo, fruto da criação literária de Julian Barnes, Tony somatiza algumas características psicológicas que o aproximam de um tipo humano, no romance, ficcionalizado. Sobre a caracterização de personagens de narrativas, Antonio Candido (2014), em *A personagem de ficção*, explica que nos romances modernos (ele se refere àqueles escritos no século XX) as personagens apresentam caracterização psicológica mais complexa, embora os enredos estejam mais simplificados. Isso porque há uma preocupação maior na complexidade da construção de camadas de personalidade enquanto que o enredo se tornou menos mirabolante:

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas (CANDIDO, 2014, p. 59-60).

Building the way

Além disso, é preciso mencionar que a força das personagens bem construídas vem da sensação que o leitor tem de que o romancista deu à sua criação ficcional, um nível máximo de complexidade. Para Candido (2014, p. 59), essa sensação é corroborada por causa da unidade e da simplificação estrutural dado pelo romancista:

Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo.

O narrador criado por Barnes atua procurando mostrar o mínimo possível de informações das personagens, porém aprofundando a caracterização de suas criações. Esse romance é marcado pelas camadas e mais camadas de características psicológicas das personagens que são reveladas no decorrer da narrativa. A obsessão de Tony pela busca da herança começa a mostrar um pouco dessas características da personagem, quando ele recebe um fragmento do documento deixado por Adrian. Então o protagonista começa a fazer uma reflexão principalmente em relação a própria vida “houve soma — e subtração — em minha vida, mas quanto de multiplicação? E isso me deixou com uma sensação de desassossego, inquietude” (BARNES, 2012, p. 96). Aqui fica evidente o remorso provocado pela sensação de culpa. Essas camadas de psicologia da personagem, que está em conflito com a sua própria memória, revelam que a distância temporal dos acontecimentos não foi suficiente para curar certas feridas do passado. Camadas são reveladas pelo narrador à medida que vai detalhando os principais conflitos da narrativa, além de suas angústias e remorso devido à descoberta de que ele contribuiu para o trágico desfecho da vida de seu antigo amigo.

A narrativa reflete sobre as lembranças e a consequência decorrente das escolhas do personagem Anthony Webster. Além disso, aborda o assunto de como Tony se relaciona diante das consequências causadas pelo tempo, principalmente quando ele recebe a herança da mãe de Veronica e, com ela, ressurgem algumas

Building the way

lembranças da sua juventude, em especial a do período em que viveu um triângulo amoroso com Veronica Ford e Adrian Finn. Em alguns momentos o narrador protagonista usa um *flashback* explicativo para a melhor compreensão do leitor:

O que você não consegue fazer é olhar à frente e depois imaginara si mesmo olhando para trás daquele ponto no futuro. Aprendendo as novas emoções que o tempo traz. Descobrimo, por exemplo, que à medida que as testemunhas da sua vida vão diminuindo, existe menos confirmação, e, portanto, menos certeza, a respeito do que você é ou foi. Mesmo que você tenha registrado tudo assiduamente –em palavras, sons, imagens –, você pode descobrir que dedicou à forma errada do registro. Como era mesmo a frase que Adrian costumava citar? “A história é aquela certeza fabricada no instante em que as imperfeições da memória se encontram com as falhas de documentação” (BARNES, 2012, p. 67).

Por esse viés, Anthony inicia a recordação da história para contar os acontecimentos da juventude, o que nos ajuda a compreender o momento e o estado de espírito em que ele se encontra. Em alguns momentos da narrativa, a personagem deixa evidente que não tem certeza dos acontecimentos reais, “se eu não posso mais ter certeza dos acontecimentos reais, posso ao menos ser fiel às impressões que aqueles fatos deixaram” (BARNES, 2012, p. 10). A complexidade desta narrativa ocorre porque nem mesmo o narrador tem certeza de que a sua memória tem sido fiel aos acontecimentos. Assim, dentro desta ficção de Barnes o narrador, que é uma criação ficcional do autor inglês, também admite que a sua memória é falha e que ele pode narrar momentos que não aconteceram.

Percebe-se, sendo recordações fiéis ou não, uma ação proposital no sentido de o narrador buscar recordações a partir de necessidades do presente, ato de busca da recordação que os seres humanos conseguem realizar, dentro de certos limites (ASSMANN, 2011). Porém, o protagonista se depara com a subjetividade das lembranças, assim dizendo, uma lembrança modificada pela recordação causando incerteza daquilo que ele viveu.

Em alguns momentos da narrativa, a personagem reflete sobre as consequências do tempo em relação às suas memórias. O quanto tudo vai se perdendo ou se modificando em decorrência dos anos. Por se tratar de um personagem idoso (com um distanciamento temporal significativo para os eventos relatados), nem sempre sua memória é confiável, pois muitas lembranças foram

Building the way

esquecidas com o tempo e outras ele já não tem certeza se aconteceu exatamente daquela maneira que ele se lembra:

Mais tarde... mais tarde há mais incerteza, mais sobreposição, mais retrocesso, mais falsas lembranças. Na juventude, conseguimos nos lembrar de toda a nossa curta vida. Mais tarde, a memória vira uma coisa feita de retalhos e remendos. É um pouco como a caixa preta que os aviões carregam para registrar o que acontece num desastre. Se nada der errado, a fita se apaga sozinha. Então, se você se arrebenta, o motivo se torna óbvio; se você não se arrebenta, então o registro da sua viagem é muito menos claro (BARNES, 2012, p. 113).

156

Percebe-se que Tony analisa suas memórias com o intuito de compreender o seu presente, e com isso, ele começa a perceber as imperfeições causadas pelo tempo, isto é, as lembranças do passado e as percepções atuais se misturam conservando apenas algumas “indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens” (BOSI, 1994, p. 46). Sendo assim, suas lembranças não são tão precisas como antes. Quando se é jovem, segundo o protagonista, as lembranças são mais claras, pois ainda é possível se lembrar dos mínimos detalhes das experiências sem cortes e em bom estado. Na narrativa, com o passar dos quarenta anos, a personagem não tem mais tantas lembranças de suas experiências da juventude. As lembranças que armazenou e que consegue se recordar são apenas recortes de experiências de momentos importantes, que ficaram marcados de alguma forma em sua memória. Para Assmann (2011, p. 163) “a memória surge como habilidade virtual e substrato orgânico, ao lado da recordação como procedimento presente e imediato de fixação e evocação de conteúdos específicos”. Sendo assim, as memórias que se destacam no protagonista, evidentemente, são aquelas do período quando ele namorou Veronica.

O protagonista compara a vida a uma caixa preta de um avião, se algo com o avião der errado, a caixa preta servirá como referencial informativo, mas se tudo der certo ela não tem nenhuma utilidade. Para o protagonista, se algo impactante acontece na vida, seja positivo ou negativo, essa experiência será motivo de lembranças no futuro, mas, se nada de interessante acontecer, é pouco provável que algo permaneça armazenado.

Em algum momento, Tony questiona sobre a formação do caráter, opiniões e atitudes:

Building the way

Será que o caráter se desenvolve com o tempo? Nos romances, é claro que sim; senão não haveria muita história para contar. Mas na vida? Eu às vezes tenho dúvidas. Nossas atitudes e opiniões mudam, nós desenvolvemos novos hábitos e excentricidades; mas isso é uma coisa diferente, mais como uma decoração (BARNES, 2012, p.111).

O personagem busca entender como a formação da identidade do sujeito é construída. Sabemos que a identidade se forma com as experiências adquiridas, com o convívio com as outras pessoas. Essas experiências ficam armazenadas nas memórias e com o tempo vão (re)construindo a identidade. E por causa das influências externas, são comuns as mudanças de opiniões e atitudes.

Tony também se remete a uma memória espontânea de um momento desagradável “eu comecei a me lembrar, sem nenhuma ordem específica ou sentido de importância, de detalhes há muitos enterrados daquele distante fim de semana com a família Ford” (BARNES, 2012, p. 120). O protagonista se refere ao fim de semana que passou com a família de sua namorada Veronica, momentos em que viveu situações humilhantes e desrespeitosas por parte do pai e do irmão da jovem. Momentos esses que Tony quis se esquecer, pois lhe traziam lembranças ruins: “durante o jantar, naquela sexta-feira, houve algumas indagações a respeito das minhas credenciais sociais e intelectuais; eu senti como se estivesse diante de um tribunal de inquisição” (BARNES, 2012, p. 34). O protagonista se vê diante dos olhares de reprovação por parte de alguns membros da família de Veronica. Essas experiências acabaram ficando no profundo da memória de Tony, ou seja, o ser humano tem ideia de sua própria memória e é capaz de expor sobre ela para destacar suas particularidades (CANDAU, 2016), que no caso do protagonista essas memórias afloraram para suprir a necessidade de preencher as lacunas existentes.

O protagonista, em algum momento, confirma que preferiu se distanciar de algumas lembranças, chegando ao ponto de não contar para a sua ex-esposa, sobre quando namorava Veronica. Algumas memórias procuravam deixar bem guardadas, e com isso, acabava contando histórias diferentes das que tinha vivido:

Quantas vezes nós contamos a história da nossa vida? Quantas vezes nós ajustamos, embelezamos, editamos espertamente? E quanto mais longa a vida, menos são os que ainda estão por perto para contradizer, para nos lembrar que nossa vida não é a nossa vida, mas apenas a história que nós contamos a respeito da nossa vida. Contamos para outros, mas – principalmente – para nós mesmos (BARNES, 2012, p. 103).

A partir do momento em que o protagonista oculta de fato o que realmente aconteceu, ele começa a reconstruir suas memórias de uma maneira diferente do ocorrido, com dados inexistentes. A intenção do personagem (que pode ser questionável) acaba por reproduzir momentos na perspectiva que ele deseja. E por não ter mais testemunhas que presenciaram os acontecimentos, o que possibilitaria uma opinião diferente a respeito dos mesmos, o protagonista acaba contando uma história da maneira que lhe agrada, fazendo ajustes que ele chama de embelezamentos e edição.

O romance *O sentido de um fim*, a todo o momento, envolve o leitor em recordações, em memórias, e lembranças do protagonista na juventude. Recordações com seus amigos no tempo da escola, na faculdade e com a namorada, sendo uma dessas recordações traumáticas. Porém, todas as recordações foram importantes na formação da sua identidade, na formação da “pessoa” que ele se tornou, pois são essas experiências vivenciadas que formaram a sua identidade atual. Isso porque “ninguém pode construir uma auto imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992, p. 5). A identidade do protagonista passou por um processo de construção e a relação dele com outras pessoas foram fundamentais e essenciais para essa construção, pois a memória e identidade são interligadas (CANDAU, 2016). Em relação ao término do namoro com Veronica, Tony pensou que foi a decisão correta a fazer naquele período, e com isso teve que conviver com a consequência de sua escolha, provocando-lhe sofrimento.

O remorso é algo perceptível na narrativa, no momento que Tony acaba de ler sua própria carta, escrita há quarenta anos, em resposta ao seu melhor amigo, Adrian Finn. O protagonista percebeu a sua imaturidade na época ao escrever tantas palavras cruéis, difamatórias e agressivas:

Por que eu tinha reagido com tanta virulência? Orgulho ferido, estresse pré-exame, isolamento? Tudo isso são desculpas. E, não, não era vergonha o que eu sentia agora, nem culpa. Era algo mais raro na minha vida e mais forte que ambos: remorso. Um sentimento mais complicado, ácido, primitivo. Cujas principais características é que nada pode ser feito para consertar: já se passou tempo demais, já se causaram danos demais, para que se possa fazer algum conserto (BARNES, 2012, p. 107).

Building the way

Na juventude, quando Tony escrevera a carta, ele possuía um comportamento totalmente diferente daquele que se apresentava no momento da narração, como um narrador sexagenário. E o único responsável por revelar essa transformação foi o tempo: “E quando eu escrevi que o tempo iria dizer, eu subestimei, ou melhor, calculei mal: o tempo não estava falando contra eles, estava falando contra mim” (BARNES, 2012, p.106). Foi o tempo que revelou a verdadeira história. Depois de quarenta anos, Tony entende a causa da morte de Adrian, e de certa forma se sente culpado pelo que tinha acontecido, “principalmente porque eu tinha que reavaliar uma boa parte do meu passado tendo apenas o remorso por companhia” (BARNES, 2012, p. 149), confessa. Tony não imaginava que sua obsessão para conseguir o diário de Adrian lhe causaria tantos danos, mas também causaria sua ressignificação:

Meu eu mais jovem havia voltado para chocar meu eu mais velho mostrando como aquele eu tinha sido, ou era, ou às vezes era capaz de ser. E fazia pouco tempo que eu tinha comentado como diminuem as testemunhas de nossas vidas e, junto com elas, a necessária confirmação dos fatos. Agora eu tinha uma confirmação nada bem-vinda do que eu era, ou tinha sido (BARNES, 2012, p. 106).

Tony começa então a refletir sobre tudo que aconteceu em sua vida até aquele momento. As lembranças trazem à tona assuntos dos quais ele sempre acreditou que estava certo, e de repente, ele percebeu que esteve envolvido em lembranças contraditórias, daquilo que ele nunca imaginou que seria capaz de fazer, o de causar sofrimento nas pessoas.

O protagonista acreditava que tudo que viveu foi de uma maneira simples, discreta e sem qualquer risco de prejudicar alguém, até o momento de reler sua carta quarenta anos depois e descobrir que suas palavras contribuíram para os sofrimentos de algumas pessoas, “porque reler aquela carta que escrevi, sentir sua crueldade e agressividade, foi um choque profundo e íntimo” (BARNES, 2012, p. 115), reconhece o narrador. E as mesmas palavras escritas por ele ainda jovem fizeram com que ele começasse a pensar de uma outra maneira, de uma forma que ele se colocava no lugar do outro para sentir o quanto suas palavras foram indelicadas para aquele momento que ele, Adrian e Veronica, estavam experimentando:

Building the way

160

O que eu sabia da vida, eu que tinha vivido tão cautelosamente? Que tinha ganhado nem perdido, mas apenas deixado a vida acontecer? Que tinha as ambições costumeiras e que havia me conformado tão depressa com o fato de elas não se realizarem? Que evitava o sofrimento e chamava a isso de capacidade de sobreviver? Que pagava as contas, mantinha boas relações com todo mundo na medida do possível, e para quem êxtase e desespero logo se tornaram simplesmente palavras um dia lidas em romances? Uma pessoa cuja autocrítica nunca causou realmente dor? Bem, havia tudo isso para pensar, enquanto eu suportava um tipo especial de remorso: um sofrimento imposto finalmente a alguém que sempre achou que sabia como evitar o sofrimento – e exatamente por esse motivo (BARNES, 2012, p. 151).

Por conta de todas aquelas lembranças ele nunca poderia imaginar que sua “simples” carta tivesse causado tanto sofrimento e contribuído para o suicídio de seu amigo Adrian. O protagonista tem consciência de todos seus atos, “eu sabia que não podia mudar, ou consertar, nada” (BARNES, 2012, p. 158). O protagonista começa a pensar em seu futuro, de como deixar uma boa lembrança de sua pessoa para aqueles que ficarem depois de sua partida:

Você está fazendo isso por você mesmo, é claro. Você quer deixar aquela última lembrança, e quer que seja uma lembrança agradável. Você quer ser bem lembrado — caso o seu avião seja exatamente aquele que é menos seguro do que andar até a loja da esquina” (BARNES, 2012, p. 116).

O protagonista, que é um idoso, começa a refletir sobre como as pessoas vão se lembrar dele quando ele morrer. Isso se torna uma preocupação, pois ele não quer ser esquecido. Tony se encontra caminhando para o final da vida, e com isso, através do ato de rememoração, percebe que errou, mas procurou uma ressignificação para ter um futuro diferente: “existe acumulação. Existe responsabilidade. E além de tudo isso, existe inquietude. Existe grande inquietude” (BARNES, 2012, p. 159). Enquanto não chega o momento da partida, a vida sempre vai ser de grandes experiências, alguns acertos ou erros, inquietações e lembranças.

Considerações Finais

Este artigo se propôs, como objetivo geral, compreender o quanto a memória é importante na formação da nossa identidade. Nesse sentido, a análise do

Building the way

personagem Anthony Webster proporciona refletir acerca da memória individual, a identidade e ressignificação no processo de formação do sujeito. Pudemos perceber o quanto a memória foi fundamental na formação e na ressignificação do protagonista da narrativa, pois sem memória não seria possível ter uma história. Em *o sentido de um fim*, o personagem busca na sua memória acontecimentos que ele consiga entender melhor seu presente.

A herança inesperada que chega para o personagem em um momento de aparente quietude desperta memórias que ele já havia se esquecido, o que ocasionou, também, o surgimento de lembranças de momentos importantes que ele sempre guardou no mais profundo de sua memória.

Memória e identidade estão interligadas, pois uma contribui na formação da outra. Percebe-se o quanto a memória foi fundamental para Tony entender melhor sobre sua vida, com base nas experiências do seu passado. Quando o protagonista descobriu o real motivo da morte de seu amigo, Adrian, ele conseguiu entender melhor sua vida. *O sentido de um fim* é um romance reflexivo, que aborda emocionalmente as instabilidades causadas pelo envelhecimento e pelo remorso, por uma memória de um narrador que não é confiável.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe (coordenador da tradução). Campinas: Unicamp, 2011.

BARNES, Julian. *O sentido de um fim*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016, p.09-57.

CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: _____ et al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 51-80.

KANCYPER, Luis. *Ressentimento e remorso*. Estudo psicanalítico. Tradução de Julio Ricardo de Souza Noto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.